



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

ELE LEVOU UM BUSHÃO DE ORELHAS

Marcos Roberto Inhauser

Este Bush tem me feito lembrar dos tempos de infância e adolescência. Eram fases da vida em que, entre outras atividades típicas da idade, estava também o brigar como forma de ganhar autoridade e respeito na turma. Era difícil o dia em que, à saída das aulas, não houvesse uma briga programada entre dois valentões, para tirar a limpo pequenas desavenças.

Era um festival de barbárie não entendido assim por aquelas mentes juvenis. Achávamos que brigar era forma de impor respeito, de marcar terreno, de ganhar a admiração das meninas. Às vezes as coisas tomavam proporções mais amplas, quando não eram só dois os contendentes. Eram grupos que se mediam em forças, socos, pontapés.

Quando se tratava de baile em que apareciam “sapos de fora”, a coisa esquentava. Morador de Indaiatuba, havia uma rivalidade enorme com os “mandís” (moradores de Salto) e quase sempre havia confronto para expulsar os invasores e “ladrões das nossas minas”. A coisa também se dava no inverso. Se queríamos ir a um baile em Salto, havia que levar uma tropa reforçada para aguentar o tranco. Muitas vezes as coisas eram feitas para arrumar a confusão, eram como que planejadas, desejadas. Quando hoje recordo estas coisas, vejo a infantilidade dos atos. Mas, na época em que foram vividos, eram fundamentais para a afirmação da identidade.

Os fatos que estão vindo à tona quanto ao comportamento e obsessão do Bush com a guerra e o seu desejo quase compulsivo de se mostrar valentão, não diferem dos meus tempos de infância e adolescência. A sua implacável determinação em atacar o Iraque, antes mesmo de ser presidente e as suas mentiras para justificar o ataque mostram este seu lado de adolescência mal resolvida ou retardada. Quando ele apareceu com aquele sorriso de moleque que roubou um sorvete vestindo o uniforme do Exército e declarou o fim da guerra no Iraque, era o mesmo sorriso que tínhamos na face quando arrumávamos as nossas confusões nos bailes e víamos os mandís fugindo. A sua busca de aliados para fazer frente à uma luta em que mediu mal as suas forças e que agora a tropa do lado de lá está dando um baile nas tropas do lado de cá é a mesma atitude que se tinha quando, arrumada a confusão que se via mais complicada que se supunha, se mandava mensageiros para que outros nos auxiliassem, engrossando as tropas. As explicações eram sempre acusatórias dos outros: nunca tínhamos começado nada.

E quando tínhamos que enfrentar a autoridade dos pais ou da polícia, ou outra qualquer, a cara era a mesma com que Bush se apresentou ao papa. A cara de um adolescente que sabe que vai levar bronca. E levou. O papa deu um Bushão de orelhas nele, dizendo que a posição da Igreja sempre esteve clara quanto ao conflito. Em outras palavras: “se você veio aqui pedir apoio ou a bênção, caiu do cavalo. Você arrumou uma briga que avisamos que não devia arrumar. Não nos meta neste rolo. Agora, se quiser reconhecer o erro, pedir perdão e buscar solução justas e pacíficas, você veio ao lugar certo”. Ainda que o papa não falou o que eu falei, a sua atitude disse isto. Parabéns Papa.